

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ENSINO E CURRÍCULO

DIDÁTICA DA INVENÇÃO OU DELÍRIOS DO VERBO ENSINAR:
microacontecimentos da docência e luta curricular

Porto Alegre, 02 de agosto de 2018

Mariana Machado Denardi

**DIDÁTICA DA INVENÇÃO OU DELÍRIOS DO VERBO ENSINAR:
microacontecimentos da docência e luta curricular**

Monografia apresentada como requisito à obtenção do grau de Licenciada em Ciências Sociais ao Departamento de Ensino e Currículo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Prof. Orientador: Máximo Daniel Lamela Adó.

**Porto Alegre
2018**

Mariana Machado Denardi

Monografia apresentada como requisito à obtenção do grau de Licenciada em Ciências Sociais ao Departamento de Ensino e Currículo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: 13 de agosto de 2018.

PARECERISTAS:

Professor Doutor José Carlos Gomes Dos Anjos (UFRGS)

Professor Doutor Luciano Bedin da Costa (UFRGS)

Professor Doutor Máximo Daniel Lamela Adó (UFRGS)
Orientador

Agradecimentos

Aos olhares atentos e curiosos dos estudantes das turmas 1M5, 2M2 e 2M3 (Parobé), 106, 107, 108, 109 e 207 (Presidente Kennedy). Às suas aberturas e resistências. Às nossas tensões.

À Ana Clara, minha aluna-professorinha particular.

À Ana Claudia Fraga, musa inspiradora da minha docência e sora titular do meu coração.

Ao Professor Máximo, por embarcar numa aventura sem título. Pelo estímulo, trocas, leitura atenta e acompanhamento sensível desse percurso.

Ao Professor José Carlos por nos desafiar a escrever como se estivéssemos dando um passeio. Levei um tempo para perceber que não sabia passear: sempre com pressa, afoita, querendo chegar a algum lugar. Compartilho o desacelerar dos meus passos nesta escrita.

Ao Professor Luciano Bedin, pelo espaço de compartilhamento de potências criado nos escombros do currículo.

À Mari e aos colegas da Pinacoteca, por garantir minha sobrevivência e por divertirem os meus dias.

À Mestre Marília e colegas de Muay Thai, em especial à Laura, Anna, Aline, Fer e Marcus, pelos socos, chutes, cotoveladas e joelhadas que me fortalecem e me ensinam a bater e apanhar com dignidade. Pela amizade para além do tatame.

À Comunidade do Arvoredo, pelo alimento e pela aceitação do que há de pior em mim.

À Maya e Caos por me reconciliarem com os livros e com minha potência. Pelas gargalhadas e pelas provocações.

Ao Sergio, que entre tantas outras coisas me ensinou que se não sou capaz de fazer algo mal feito na vida nunca farei algo bem feito. Por me ensinar a lidar com o erro e a terminar o que começo: “primero terminas, después te quejas”.

À Yxa Py e Kuaray Mirĩ, mi hermanos latino-americanos, *xeirú kuery* (amigos) *mbýá*, por existirem na minha vida. *Ha'evete!*

À Diele por me acolher nessa nova fase da vida, pela companhia nas taças de vinho à noite e copos de suco verde pela manhã. E, óbvio, pelo empréstimo do computador. Pelas voltas que o mundo dá.

Às irmãs de vida Didi e Laine, por me contagiarem com suas potências e reverberarem o que há de melhor em mim. À Lara e Clarissa Rodrigues, Luiz Pretto e Jardel Telles, irmãos que a vida me presenteou.

Ao apoio e amor incondicional da minha irmã, pai e mãe. Ao meu afilhado Joaquim, por compartilhar comigo seus medos e me deixar protegê-lo enquanto posso. À Olivia, por ser meu espelhinho.

As coisas não querem mais
ser vistas por pessoas razoáveis.

[Manoel de Barros]

Resumo

Da experiência de estágio emergem nossas primeiras concepções sobre educar. Essa escrita compartilha relatos de experiências desse percurso, considerando que me defrontei com uma crise de legitimidade do ensino da Sociologia no Ensino Médio. Perspectivo, como hipótese, que essa crise de legitimidade é mais política do que epistemológica, e que as tentativas de neutralização do campo político nos empurram para um brete de disputa da razão contraproducente para a Educação. O que pude perceber com a experiência é que a Educação se dá em movimento, em um lugar muito longe da neutralidade científica e do controle ou autoridade absoluta da técnica. O que presenciei em termos de Educação tem algo muito sutil e sensível, e é a partir dessas sutilezas que travo a luta curricular em direção à legitimação de uma Sociologia outra, que rompa de vez com um cientificismo positivista. Promovo um encontro entre a poesia de Manoel de Barros e a Sociologia de Gabriel Tarde. Inspirada nesse encontro, fui construindo uma concepção de Educação Menor. Os microacontecimentos da docência se constituíram como uma tentativa de resgatar o fluxo de subjetividades em relação que compõem provisoriamente o real. São narrados em forma de folhetins - em infinitesimais entregas porque nunca terminam de ser escritos e são modificados a cada nova leitura -, onde, como na poesia de Manoel de Barros, só 10% é mentira, o resto é invenção.

Palavras-chave: Didática da invenção; Diferença; Luta curricular; Sociologia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
I - DELÍRIOS DO VERBO ENSINAR.....	12
Microacontecimento Nº1 [Catarse]:.....	12
Microacontecimento Nº2 [Modo imperativo]:.....	16
II - DESAPRENDER 8 HORAS POR DIA ENSINA OS PRINCÍPIOS.....	17
Microacontecimento Nº3 [Futuro do pretérito]:.....	17
Microacontecimento Nº4 [Orelhas de Unicórnio Flamejante na sala dos Dragões]:.....	18
Microacontecimento Nº5 [Miudezas]:.....	19
Microacontecimento Nº6 [Mundéo: auto-censura]:.....	19
Microacontecimento Nº7 [Saindo do armário]:.....	21
Microacontecimento Nº8 [Abreviações]:.....	23
Microacontecimento Nº9 [Escutar o silêncio]:.....	23
Microacontecimento Nº10 [Papel da vítima]:.....	24
Microacontecimento Nº11 [Intervenção]:.....	25
Microacontecimento Nº12 [Cagete]:.....	26
Microacontecimento Nº13 [Delação premiada]:.....	27
Microacontecimento Nº14 [Tabu]:.....	28
Microacontecimento Nº15 [Pedagogia do erro]:.....	29
Microacontecimento Nº16 [Pilha de livros e de nervos]:.....	29
[PAUSA] UMA DIDÁTICA DA INVENÇÃO - Manoel de Barros.....	32
III - DESCOMEÇO.....	34
Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo.....	37
(DES) (RE) CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
Retrato do intelectual quando professor.....	40
Referências bibliográficas:.....	42
Referências outras:.....	42

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, recorro à escrita como um exercício de registro das experiências e aprendizados durante os dois períodos de estágio de Licenciatura em Ciências Sociais. Além de relatos baseados na experiência curricular e formal, traz referências de outros espaços de educação informais, como encontros particulares com uma aluna de 11 anos, ambientes de discussão sobre a educação e a experiência em espaços coletivos de convívio e socialização.

As reflexões trazidas partem de experiências particulares, minhas e alheias, buscando refletir para além desse particularismo, o que está em jogo na configuração desse percurso, um entre tantos possíveis, mas que carrega traços de um acontecimento que repercutiu em minha prática docente, a saber: a crise de legitimidade do ensino da Sociologia no Ensino Médio.

A disciplina encontra-se em constantes ameaças de ser retirada do currículo. Minha hipótese é de que a crise de legitimidade da Sociologia é mais política do que epistemológica.

Assim como em seus primórdios, é o contexto político que não deixa emergir formas de pensamento outro. São os interesses dominantes que definem o que é reconhecido ou não enquanto ciência.

O campo que se forma e se estrutura é carregado de tramas conceituais, discursivas, teóricas e metodológicas, isso porque também é fundamentalmente uma trama política, que objetiva o domínio e o controle de um “discurso-saber-poder”. (PRADO, 2015).

No contexto histórico do seu surgimento e consolidação, a Sociologia enfrentou um embate epistemológico que se mostra extremamente pertinente para pensar o presente: se, por um lado, Durkheim privilegiava as representações coletivas do social, por outro, Gabriel Tarde propunha uma outra configuração possível entre individual e social, não dicotômica e hierárquica, mas que se desdobrava na dinâmica microssocial. O social deixava de pairar suspenso no ar para articular-se no nível das subjetividades em relação.

Seu pensamento não poupou os saberes melhor estabelecidos e fixados do século XIX. Talvez daí surjam as verdadeiras razões de seu esquecimento já quase secular. Cremos que tal esquecimento se refere muito mais a considerações políticas e éticas do que a uma suposta fragilidade epistemológica e conceitual. **Quão insuportável deve ter sido a afirmação do caráter caótico e indomável da vida e das sociedades realizada por Tarde para os espíritos da Ordem e da regularidade que abundavam no início do século XX?** Quão distante está a afirmação de uma condição irresistivelmente criativa das subjetividades, não mais referidas a uma interioridade fundamental nem a uma totalidade coletiva que lhes seria exterior, do espírito de rebanho que se impôs como cartografia fundamental e decisiva das sociedades industriais emergentes. (THEMUDO, 2002, p. 109 - grifos nossos).

Me proponho então, a resgatar neste trabalho a perspectiva tardiana para mudar o foco do ensino da Sociologia. Promovo um encontro entre a sociologia de Tarde e a poesia de Manoel de Barros. Inspirada neles, faço emergir microacontecimentos do cotidiano da docência, resgatando os processos, o fluxo das relações e sua instabilidade antes que se tornassem representações e categorias fixas.

A didática da invenção foi algo experimentado assim, como forma de enfrentamento e luta curricular buscando romper com a fixidez do pensamento, aprisionado na racionalidade técnico-científica moderna, que neutraliza, estabiliza e normatiza as categorias sociológicas, estabelecendo dualidades, ordenando a sociedade e esterilizando a vida. A invenção se reconecta ao fluxo, ao processo, ao movimento, a instabilidade das relações.

Sob esse olhar, a crise me parece produtiva, provoca uma revolução de paradigma, uma nova oportunidade para a Sociologia se despir do manto da neutralidade científica, que nega a política e confere uma autoridade absoluta à técnica.

Não há nem nunca houve ciência, e portanto educação, sem poder. Nem no tempo na “neutralidade iluminada”, que por vezes parece insistir em não acabar. A politização radical da ciência e da educação pela “suspeita absoluta” contribuíram para essa ruptura necessária. No entanto, disputas epistemológicas fundamentadas na racionalidade moderna não dão conta mais da complexidade, nervosidade e instabilidade da vida em sociedade.

(...) por transgredir o existente e subverter o possível. E, em consequência, por inventar o novo, fabricar o que ainda não existiu nem existe, mas que nós podemos fazer existir, justo porque temos toda uma história que nos dá sustentação para isso. (CORAZZA, 2005).

Inventar o novo, transgredir o existente, subverter o possível implica desaprender. Provocar rachaduras na nossa racionalidade: delirar. Por em xeque dicotomias que fundamentam o projeto moderno e portanto, nossa forma de produzir conhecimento. Fazer proliferar a diferença. Multiplicar formas possíveis entre o que é eu/outro, sujeito/objeto, natureza/cultura, dado/construído, corpo/espírito, razão/emoção. Romper com identidades fixas e formas pensamento monolíticas.

Não se trata da forma binária de diferença entre o que é absolutamente o mesmo e o que é absolutamente "Outro". É uma 'onda' de similaridades e diferenças, que recusa a divisão em posições binárias fixas. *Différance* caracteriza um sistema em que cada conceito [ou significado] está inscrito em uma cadeia ou em um sistema, dentro do qual ele se refere ao outro e aos outros conceitos [significados], através de um jogo sistemático de diferenças' (Derrida, 1972). O significado aqui não possui origem nem destino final, não pode ser fixado, está sempre em processo e 'posicionado' ao longo de um espectro. Seu valor político não pode ser essencializado, apenas determinado em termos relacionais. (HALL, 2003, p.60-61, grifos no original).

Assim, a negação das fronteiras fixas entre o que é X e Y não significa a negação da Diferença:

6. A diferença não é uma relação entre o um e o outro. Ela é simplesmente um devir-outro. [...] 11. A identidade tem negócios com o artigo definido: o, a. A diferença, em troca, está amasiada com o artigo indefinido: um, uma. 12. A diferença não tem a ver com a diferença entre x e y, mas com o que se passa entre x e y. 13. A identidade joga pelas pontas; a diferença, pelo meio. 14. A identidade é. A diferença devém. (TADEU, 2002).

Os microacontecimentos da docência, narrados em forma de folhetins, se constituíram como recursos para fazer emergir subjetividades em relação e proliferar a Diferença. São relatos que utilizam uma linguagem informal com referências coloquiais da oralidade. Os relatos desses acontecimentos estão povoados de digressões, agenciamentos e afetos múltiplos. Recorro a invenção como recurso para traduzir um real possível mas que já não existe. Na perspectiva de Tarde, o real remete a um "desdobramento processual de fluxos em constante remanejamento, de formas e fronteiras constantemente desfiguradas" (THEMUDO, 2002, p. 22). Assim, os microacontecimentos buscam resgatar essa composição de

fluxos de subjetividades em relação, onde só 10% é mentira, o resto é invenção, como na poesia de Manoel de Barros.

A primeira parte [Delírios do verbo ensinar] é constituída por digressões que narram dilemas enfrentados da prática docente e o desconforto com os imperativos do Mesmo e da Ordem. Na sequência, em [Desaprender 8 horas por dia ensina os princípios], componho relatos de experiências infinitesimais que se tornaram a melhor forma de tentar traduzir a concepção de Educação que compartilho.

Há uma pausa onde brinco de expressar a perspectiva de Educação que vou construindo pastichando um poema de Manoel de Barros: Uma Didática da Invenção.

Na terceira parte [Descomeço] retomo o percurso de prática docente e os dilemas vivenciados em relação às posicionalidades de educador-militante em relação à greve dos professores e outros espaços de luta. Por fim, busco, a partir da desterritorialização da nossa racionalidade técnico-científica moderna (ou descolonização), apresentar uma concepção de Educação Menor, fundamentada na perspectiva tardiana e na poesia de Manoel de Barros, como estratégia de enfrentamento e luta curricular.

I - DELÍRIOS DO VERBO ENSINAR

Educar é um ato de amor e amar é um ato político. Assim como amar livre, para educar de forma libertadora é necessário conjugar o verbo. Assumir excessos, faltas e erros de conjugação. Estar sujeito à ameaça verbal. [Pastiche do “Manifesto contra o amor neoliberal”].

Enquanto educadora [em (permanente) formação] me vejo tentando escapar de lugares comuns, zonas de conforto, espaços de reprodução de relações professor-aluno já supostamente superadas.

Embora tentemos com todas as forças, reproduzimos preconceitos, rotulamos alunos, não estamos todo o tempo motivados, enfrentamos desafios, contradições e conflitos assim que pisamos dentro da sala de aula. Levamos esses dilemas para fora da escola, para dentro de casa, para o nosso corpo. Adoecemos. Recuperamos a saúde. Adoecemos novamente. Usamos nossos corpos e nossas vidas como máquinas de guerra anti-fascista, anti-autoritária, anti-capitalista. Mas tudo que desterritorializa em linha de fuga reterritorializa norma. E, portanto, não há zona de conforto que não seja provisória: “as séries de acontecimentos, naturais e sociais, são sempre capturadas pela identidade do Mesmo já prevista em lei.” (THEMUDO, 2002, p. 22).

Microacontecimentos da Docência são folhetins em infinitesimais entregas que narram dilemas enfrentados da prática docente e o desconforto com os imperativos do Mesmo e da Ordem. Constituem-se como uma tentativa de fazer proliferar a diferença. Uma invenção, uma resposta feliz, uma imitação da diferença que me afeta e me constitui.

MICROACONTECIMENTOS DA DOCÊNCIA

[folhetins em infinitesimais entregas]

Nº1 [Catarse]:

Era de sagitário, mas tinha o sol na casa 8. Por isso, era tão romântica quanto desconfiada. Tinha muitas certezas, porém provisórias. Era interessada, secretamente, pela língua das mariposas. Gostava de sonhar ser professora. Não era um sonho desde a infância, era um sonho que começou quando já estava mais madura, quando já tinha desapegado de ter uma carreira

convencional e também de não ter carreira nenhuma para contrariar a expectativa de todos que tivesse uma carreira convencional. Um dia soube que o simples bater de asas de uma mariposa podia causar um terremoto do outro lado do mundo. Acreditava nisso mais que em Deus. Na verdade achava que Deus tinha a ver justamente com isso, com essa força que faz um besouro voar contrariando os cálculos técnicos das leis de aerodinâmica. Queria que essas questões entrassem no currículo formal. Ou queria que não existisse um currículo formal. Sim, era bastante romântica. Mas ao mesmo tempo sabia que era impossível sustentar tantas exigências o tempo todo: faça a diferença, lute contra o que está dado, lute como uma mulher, contra a apatia da sala de aula, a mais-valia e é claro, o presidente. Passava por momentos em que resistia em oferecer resistência, em que, simplesmente não queria fazer parte de tudo isso, nem contra nem a favor. Não era nada parecido com uma neutralidade, era cansaço mesmo, exaustão. Simplesmente não queria doar o tempo para esse sistema (mesmo que educar seja contra ele), que não conseguia preparar uma boa aula, dessas que traz todos para o presente. Não conseguia, por não raros momentos, ser a educadora ideal. Por isso escrevia, como forma de desabafo e como recurso para elaborar a prática docente e a existência no mundo. Mantinha um diário com as narrativas de suas experiências. Um dia, desses chuvosos em que se é obrigada a sair de casa para fazer algo que não julga necessário, tipo algum compromisso que poderia ser adiado para o próximo dia de sol, chegou em casa com a certeza de que não deveria ter saído, abriu o diário e escreveu: "Já são três. Não, pelo menos quatro: quatro semestres de desilusões amorosas com a academia. Me sinto como se tivesse presa num relacionamento abusivo. Como se a universidade fosse aquele cara que te faz sofrer profundamente e que quando percebe que estou indo embora me oferece uma dose de ilusão de qualquer de possibilidade de mudança. E assim vou ficando, tentando me convencer de que estou aqui para além de um título acadêmico ou de ser aceita socialmente. A gente fala sobre o esvaziamento de sentido nas escolas enquanto reproduz automaticamente um contudismo disfarçado de vontade de ensinar, como se tivesse fazendo uma declaração de amor eterno, só que vazia. Afinal o que é o amor? E o que é educação? E o que tem a ver uma coisa com a outra? Tesão! E não tem mais, acabou o tesão. Já tem uns três

semestres, não quatro. Isso dá o que? Dois anos. Pelo menos. Sem tesão de chegar no prédio da FACED, de subir as escadas, olhar para o professor, conhecer os colegas. Sem tesão de fingir prestar atenção, de forjar uma participação que outra para parecer interessada. Sem tesão do encontro. Um professor me ensinou: o mundo vai mal, e a ciência que estamos fazendo não está ajudando, façam outra. Me disseram que estou deprimida. Se for verdade a culpa é da academia. Não, é minha (como sempre), por ser tão sensível ao olhar crítico e olhar de forma tão crítica o mundo. “Somos co-criadores da realidade” me dizem algumas pessoas bem intencionadas que querem ajudar. “O sofrimento é uma escolha.” Eu tentei evoluir e não consegui. Tentei me iluminar mas estou presa na sombra. Me tornei incapaz de mentir para mim mesma: as coisas vão mal mesmo. Não é mentira. Sim, consigo sentir o cheirinho da chuva às vezes, preencher meu coração com o olhar de uma criança que ainda preserva boa parte da sua espontaneidade que será tomada logo ali, por mais um ‘caso isolado’ de uma bala perdida que encontra e apaga o sorriso de um menino de 14 anos, que ia para escola: ‘Eu vi quem atirou em mim [...] foi um blindado [...] ele não viu que eu tava com a roupa da escola, neh mãe?’. Marcos Vinícius, presente! Li essa notícia três vezes, chorei quatro. Fraca. Queria abraçar esse menino. Queria abraçar aquela mãe. Ah é? Que mais? Jogar flores no policial que apertou o gatilho? Fraca! Queria ser forte e matar o presidente, duas vezes, que nem o Gabriel Pensador. Deixa de ser louca, pára de reclamar, e agradece a Buda por ter casa, pátio com chás, temperos e plantinhas, comidinha orgânica e vegana feita com amor todo o meio-dia. Não seja mal agradecida. Seja a mudança que quer ver no mundo. Se nutre dessa energia e vai estudar, vai ser uma boa professora, vai pra escola encarar a dura realidade, com seu salário parcelado, e educar seres para serem menos machistas, menos racistas, menos fascistas, menos consumistas. Vai, vai amar, vai sofrer, vai chorar...vai vai!! Vai colonizar o outro. Vai tentar transformar a vida das pessoas a partir do teu ponto de vista *hippie* ridículo. Outro mundo é possível: todo mundo se respeitando, vivendo em comunhão, os homens respeitando as minas, parando e escutando e refletindo sobre suas contradições. Os brancos escutando os negros. Vai rolar. Do micro para o macro. Vamos plantando as sementes. Uns dizem que é processo. Outros

dizem que é dialética. Eu digo: foda-se! To cansada. Porque essa merda macro aí tá igualzinha aqui no micro. Tenho experimentado de tudo: ser crítica, ser propositiva, ser pró-ativa, ser reativa, fazer a racional, me deixar ser emotiva, encarnar a pacífica, forjar a combativa. Nada adianta. É verdade que experimentei, em breves momentos, um suspiro de alívio e uma esperança na mudança. Sim, ainda tem uma margem para subversão. Nesse lugar aqui, de privilégio, que é a universidade, ainda dá para conciliar indicações de leitura interessantes, atuais e instigantes com o que eu quiser. Refletir sobre a exigência de domínio do conteúdo com um poema da Clarice Lispector, ou discutir autoridade citando o anti-herói Alex do clássico Laranja Mecânica. Viu? Nem tudo está perdido. Tem que disputar internamente, ocupar esses espaços, viu? Ainda tem sentido. Ergue essa cabeça, vamos à luta, uni-vos! Mais uma dose de ilusão de qualquer possibilidade de mudança. Acho que preferia que não tivesse esse espaço, assim poderia desistir, nem ir mais às aulas, nem subir mais aquelas escadas todas, já disse, estou cansada. E acho que das últimas experimentações a mais libertadora foi aceitar o fracasso. Assim como tenho fracassado como aluna, certamente fracassarei como professora. Fracasso, logo resisto!”. Só depois de desabafar no diário tirou a roupa molhada da rua, tomou um banho quente, um chá e foi deitar. Ignorou a pilha de livros que se acumulavam ao lado da cabeceira, desligou sua luminária de bambu e se perdeu nos pensamentos até finalmente adormecer. Se via velha e cansada. Cara de acabada. Ainda forjava uma juventude para tentar dialogar com os jovens estudantes, mas já não funcionava mais tão bem, soava bem menos autêntica do que no início da carreira de professora. 19 anos de jornadas de trabalho exaustivas, no estado. Aquele brilho nos olhos dos adolescentes já não conseguia recuperar sua força. Tinha dado o sangue pela escola, pelos alunos, pela comunidade, tinha encabeçado greves, agitado colegas, peitado a direção, mas já não podia mais, não tinha mais fôlego nem para os protestos nem para a sala de aula. Assumira um cargo de vice-direção e abandonou as turmas. Precisava respirar, ser outra. Se dedicar menos, se acomodar melhor ao mundo. Para fingir que as coisas estão sob o seu controle e que esta posição é justamente a que gostaria de ocupar enfeitada sua sala, pinta colorido uma parede, mantém tudo organizado, tem jogo do cintura e não pessoaliza os conflitos do

cotidiano da escola, sai pela tangente, como estratégia de sobrevivência. Percebe que há cisões entre o corpo docente, que boa parte do grupo não está do seu lado. Não enfrenta, finge que não faz parte disso e segue em frente. Até que bate uma estagiária em sua porta, está ansiosa para o período de estágio, a categoria está em greve, precisa de um lugar para realizar a prática. Ela aceita, é uma oportunidade de recuperar o tempo que as turmas ficaram sem aula de sociologia desde que assumira o cargo na direção. Percebe na estagiária o mesmo furacão de sensações de quando iniciara a carreira docente: uma mescla de ansiedade, expectativa, insegurança, medos: seria respeitada? seria competente? teria domínio do conteúdo? Seria resiliente e se manteria firme para não se tornar a Dona Instituição Escolar que se tornara? Dias depois estava aprovando um aluno em conselho escolar só para não se incomodar com os pais, que tinham um sobrenome importante. A estagiária enfatizava: ele não frequentava minhas aulas, ou dormia, não entregou nenhuma atividade. Mas não era a estagiária que estaria ali nas férias respondendo aos pais, podendo ter que responder um processo porque as turmas ficaram sem aulas. Essa gente que vem fazer estágio acha que sabe tudo. Esse romantismo todo não dobra a esquina pensava enquanto lia uma mensagem da estagiária protestando pela situação. Mensagem ignorada com sucesso. De repente o celular do seu colega de quarto toca. Ascende a lâmpada da luminária de bambu. São 6:30. Foi só um pesadelo. Ufa. Ainda dá tempo de ser outra.

Nº2 [Modo imperativo]:

Demonstre autoridade, não seja autoritária. Domine o conteúdo, seja didática. Elabore o planejamento, tenha jogo de cintura. Seja pontual, tome muita água e não adoça. Siga o currículo, não tem receita. Não rotule os alunos, não fixe sua identidade. Não se prenda ao livro didático, não se perca do conteúdo. Não seja permissiva, não seja autoritária. Se envolva com os alunos, não se envolva com os alunos. Mas acontece. Entre imperativos, reduzimos multiplicidades em normas e limitamos nossas possibilidades de ação no mundo.

II - DESAPRENDER 8 HORAS POR DIA ENSINA OS PRINCÍPIOS

(...) é preciso desaprender-perder-esquecer o dado e o feito que nos legaram de herança, fazer deles uma coisa-nenhuma ou nenhum-dado, nenhum-feito. É preciso desaprender o aprendido para poder ser partícipe das forças de transformação, transfiguração, procriação e criação da educação. Ser educador não é só acumular, guardar, conservar, usar, mas abandonar, largar, gastar e, nesse gasto, readquirir, retomar, para poder se revitalizar. (CORAZZA, 2005).

Os relatos que seguem compõem o que deixei de dizer aos alunos mas gostaria de ter dito. Nesses microacontecimentos se pode visualizar os pólos da relação professora-estudantes operando movimentos ininterruptos de pressão e de resistência, num jogo inexorável entre poder e liberdade, constituindo a Educação como “ato comum” (AQUINO, 2014).

Utilizando o artifício da invenção, tento resgatar os fluxos de subjetividades em relação presentes naquilo que acontece no transe da sala de aula e que se configura como acontecimentos desimportantes para uma ciência apegada às representações gerais do social. Compartilho alguns dos desperdícios acumulados durante esse período.

Nº3 [Futuro do pretérito]:

Enquanto cursava o bacharelado em Ciências Sociais, na ida primeira década desse novo século, colegas veteranos se referiam à FACED como “farsedi”¹, numa alusão à instituição enquanto farsa, fraude do conhecimento. As críticas iam desde “aulas chatas”, passando por “aff, os trabalhinhas da faced”, e chegando nesse apelido bastante pejorativo. Lembrava disso enquanto participava de um seminário lá por esses dias. Tenho críticas à FACED também, considero saudável que tenhamos às instituições das quais fazemos parte ou não. Mas ali, dentro daquele prédio quadrado, daquelas salas de aulas caretas, acontecia algo inusitado: sobre a mesa do seminário, ao invés de blocos brancos, microfones, copos ou taças de vidro suados de água gelada (um para cada participante), havia

¹ Ou “Farced”, para outra referência e reflexão sobre o uso desse termo ver LAMELA ADÓ, Máximo Daniel. Educação potencial: autocomédia do intelecto. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

tubos de aerossol, bolsas pessoais, cadernetas do seminário que não eram de ninguém (acho), 3 garrafas térmicas de alumínio pequenas, copos plásticos com resto de café (se tem resto de café é porque tem café, fiquei farejando por um tempo sem saber de onde vinha), canecas de alumínio para aquele povo que já não admite mais o uso de copos plásticos, ou em função do lixo que geram ou por não aceitar mais a combinação de algo quente com plástico depois que alguém descobriu que causa câncer (por ambas razões ou talvez outra que eu desconheça), também haviam folhas brancas soltas, maços grampeados e uma edição do livro mil post-its, digo: mil platôs (desculpem o trocadilho infame, mas sem essa tecnologia aparentemente banal tal obra seria ainda mais inelegível). Essa mistura de objetos aparentemente aleatórios materializava, naquele contexto, a desterritorialização dos nossos modos de conhecer, de aprender, de ensinar. A FACED é um lugar onde se pode abrir um seminário sobre teóricos franceses sem um protocolo definido e com uma mesa caótica. Um seminário do futuro do pretérito, já que os protocolos e formalidades se encontravam suspensos para dar lugar ao fluxo e tudo o que parecia estar programado para acontecer se tornava um acontecimento outro. Nem sempre é assim inspirador, mas naquele dia foi.

Nº4 [Orelhas de Unicórnio Flamejante na sala dos Dragões]:

A primeira impressão é a que fica. Discutíamos isso em uma das salas de aula da FACED, para causar uma boa impressão na chegada nas turmas, desde o período de observação. Às vezes se quer ignorar que as relações são inexoravelmente instáveis, essa ilusão de controle nos deixa mais calmos. Daí a gente escolhe a roupa, uma que não seja tão formal, mas nem tão despojada para que não nos confundam com alunos. Se prepara psicologicamente para fazer a personagem serena, calma e confiante enquanto por dentro queima insegurança e alta dose de nervosismo. E descobre, no primeiro dia mesmo - porque a professora titular, que mora contigo, soube também de última hora ou mesmo esqueceu de avisar - que é semana de gincana na escola e precisamos usar orelhas de coelho. - Mas não se preocupa, diz ela, eu tenho muitas pra te emprestar, tu pode escolher: vermelha, amarela, verde... Ela escolhe a verde porque é mais neutra entre as equipes da gincana, já que não tem

uma da cor azul que representa a equipe da qual é professora regente: o Sindicato Canto da Sereia. Sobram duas possibilidades: vermelha e amarela. A vermelha está “meio brocha” segundo ela, e realmente a orelha tá meio caída. Então eu elejo a amarela. As equipes foram organizadas em sindicatos em função da greve do ano anterior: “o ano que não terminou”. Se dividem por ano: o primeiro ano forma o Sindicato Canto da Sereia (SICASE) com as cores azul e roxo; o segundo ano forma o Sindicato dos Unicórnios Flamejantes (SUF), com as cores amarelo e laranja; e o terceiro ano integra o Sindicato Chama do Dragão (SCD), com as cores vermelho e rosa xoque. Daí eu lembro da orelhinha vermelha meio caída quando me dou conta que vou observar a maioria das turmas do 3º ano. Tarde demais: já estou com orelhas de unicórnio flamejante na sala dos dragões.

Nº5 [Miudezas]:

Não sei o que me metia mais medo, entrar na sala de aula ou na sala dos professores. Na primeira experiência de estágio eu nunca me senti convidada e confortável no meio dos colegas. Tá certo que não eram bem colegas, porque eu era estagiária, tava no degrau inferior. Passava os intervalos no pátio, sentada no sol. Na segunda vez foi mais tranquilo, a professora titular me acompanhou pela mão e fez de um tudo para que me sentisse em casa. Teve um dia só que o café estava de mau humor e falou pruma pessoa dizer pra outra me contar que só queria ser tomado pelos professores, porque só eles colaboravam com ele. De mau humor eu entendo então respeitei, não tomei café naquele dia, nem nos outros. E por falar em miudezas, os livros da biblioteca é que estavam sempre de braços abertos para me esperar. A bibliotecária que cuida deles, me apresentou vários, posso dizer que fiz alguns amigos ali.

Nº6 [Mundéo: auto-censura]:

Você trabalha com a questão indígena há bastante tempo e o início do seu período de regência no estágio coincide com a semana do Dia do Índio. Dias e noites pensando no planejamento da aula ideal sobre o tema quando me deparo com um post nas redes sociais pedindo aos professores que não caracterizassem seus alunos no Dia

do Índio. Esse imperativo negativo (mais esse) carregava a crítica (legítima e necessária) contra a exotização das culturas indígenas e reprodução da ideia de índio genérico, preso ao passado. Todo o esforço do meu planejamento obviamente girava nesse sentido. Mas queria propor algo diferente, que afetasse e atravessasse o corpo dos alunos e o post me paralisou. Deveria propor algo que desviasse a todo custo dessa crítica. O primeiro dia foi de sensibilização, falei sobre a data enquanto luta pelos direitos, ouvimos um clipe de um grupo de Rap Guarani-Kaiowá do Mato Grosso do Sul (que meus amigos *mbyá* de São Miguel me apresentaram e enviaram por bluetooth para meu celular, que eu nem sabia que tinha essa tecnologia) e um vídeo da Comissão *Yvy Rupã* (articulação *mbyá*-guarani) sobre o sentido que a data tem para os *mbyá* que vivem numa aldeia em São Paulo e que resolveram ocupar o pátio da escola como ato simbólico de luta. A conversa ia suavemente desconstruindo as categorias de “índio raiz” e “índio nutella” apresentadas por um dos alunos em tom leve de brincadeira. Fomos avançando na ideia de que índio que canta Rap e usa bermuda da adidas não deixa de ser índio. Até aí tudo bem, o problema foi ao propor os trabalhos de avaliação. Paralisei. A professora titular, que não embarcou na auto-censura, propôs que os alunos realizassem desenhos sobre “ancestralidade” em algumas turmas e “grafismos indígenas” em outras, os trabalhos ficaram lindos, com referências de grafismos indígenas os alunos criaram seus próprios desenhos, com referências sobre história, memória e ancestralidade, criaram referências próprias de suas origens. Um resultado lindo. Já eu, fui extremamente cautelosa em relação a exigência do trabalho, tentando escapar da crítica e simplesmente solicitei uma pesquisa sobre alguma das 315 etnias do Brasil que envolvesse informações como território, língua, costumes, dados demográficos. Como um bichinho preso em um *mundéo* (armadilha de caça, em *mbyá*-guarani, caí em outro lugar que eu não gostaria: nos clichês. Por sorte, uma das alunas, voluntariamente se caracterizou para a apresentação, falou com detalhes sobre o grupo que escolheu pesquisar: os Guarani, se chocou com os dados sobre suicídio entre os Guarani-Kaiowá e relatou que chorou ao saber do registro da morte de um indígena de apenas nove anos associada a essa causa. Ela se pintou de índia, não com um penacho qualquer e dois traços nas bochechas, com referências do grafismo Guarani de

acordo com sua pesquisa, e se afetou pela luta desse povo. Por sorte, a Thábata salvou o trabalho e deu a aula um tom que eu não tive coragem de dar.

Nº7 [Saindo do armário]:

Uma das coisas que chamava atenção nas discussões em algumas aulas da Faced era o compartilhamento de preocupações, quase num nível de neurose, de estar atento ao contexto político atual (de polarização) para não entrar em conflitos com os pares ou com os estudantes que possam gerar algum tipo de repercussão negativa junto à escola, alunos e comunidade. Preocupação compreensível em tempos de reação conservadora. Mas é justo aí, onde a Sociologia tem sua real importância questionada, onde se poderia resolver a crise de legitimidade e defender com unhas e dentes a importância do acesso ao conhecimento científico sociológico, é que vi a Sociologia se encolher. O resultado é que o excesso de preocupação e receio iam formando pessoas pouco capacitadas para se posicionar diante de conflitos, bancar seus posicionamentos e arcar com as consequências deles. Por sorte, numa das experiências do estágio, a professora titular não era desse tipo neurótico, castrado com excessos de preocupações e receios. Bancava suas posturas e as construía com os alunos, não formava um exército de seres com uma posição igual ou semelhante a sua. Abria espaço para a multiplicidade e ela acontecia. Os próprios estudantes traziam suas referências, criavam divergências e ela contribuía para isso. Encontrava assim também resistência, sua não disposição de vestir o manto da neutralidade científica obviamente despertava reações entre os alunos: desde resistências passivas até contestações mais explícitas, tanto em sala de aula quanto em mecanismos de controle da escola. Numa manhã qualquer, tomando café, disse: - Nem te contei, provavelmente eu leve um novo processo em breve...e com esse talvez eu corra o risco de ser até exonerada. - Mais um, que orgulho [risos], me conta! Respondi. - Na aula de teatro essa semana eu propus uma dinâmica que no final todo mundo acabou se beijando. E acho que teve só um ou dois 'beijos-hétero'. As aulas de teatro acontecem no contra turno. Os alunos não são obrigados a ir. E nessa ocasião não queriam fazer intervalo e nem mesmo ir embora. Quando isso acontece numa aula "normal" na escola? Nunca.

Mas parece que para fazer a diferença, parar de reproduzir você corre o risco de ser processada e exonerada. Como já sei dos motivos que levaram aos outros dois processos que a Professora sofreu, um de uma suposta “doutrinação marxista” e outro em função de uma bandeira símbolo do orgulho gay pendurada na escola, entre outras tantas (inclusive dos Estados Unidos), fruto de uma atividade solicitada para que os alunos confeccionassem bandeiras com os símbolos que os representam. A dinâmica do teatro envolvia contato e obviamente com todos os tabus relacionados à sexualidade e ao nosso corpo a professora teve que fazer intervenções questionando esse tabu. Por que algumas partes do corpo são sexualizadas? Por que podemos oferecer a mão uns aos outros? Por que homens não podem se beijar nem mesmo no rosto? Nem trocar afeto? Por que beijar, se tocar ou sentir prazer é tão condenável? Era tudo que estudantes de ensino médio querem ouvir, querem/precisam se reconectar com seus corpos, habitá-los, no entanto, são confinamos (feito gado mesmo) em salas de aula de 20 metros quadrados. Não demorou para os jovens se apropriarem desse questionamento e lançarem pelos grupos de comunicação entre as turmas campanhas com dizeres do tipo “#ameedêvexame”. Como a aula de teatro terminou com os adolescentes se beijando, mesmo que por iniciativa própria, a possibilidade de isso gerar uma repercussão que fugisse do controle é iminente. Ela reflete sobre isso, mas acaba por considerar o quanto a experiência fez sentido na vida deles. Não queriam fazer intervalo, não queriam ir embora. Em que outro ambiente se oportuniza aos jovens que eles tenham espaço para falar e experimentar seus corpos? Na perspectiva da Ana, o Ensino Médio é um momento potente da vida dos estudantes, talvez a última oportunidade que temos, nós e os estudantes de “sair do armário”. Obviamente a expressão que originalmente remete a descoberta de sexualidades dissidentes da heteronormatividade, se refere nesse caso, também a isso, mas não somente, o sentido aqui, dado por Ana e compartilhado por mim é um “sair do armário” ampliado, que remete a descoberta da sexualidade, mas também o acesso a sua energia vital, sua potência e se bancar no mundo. Bancar suas posturas e arcar com as consequências delas. E a postura adotada por Ana, que muito me inspira, é de bancar as experimentações e tentar trazer os estudantes para dentro dos seus corpos e seus corpos para dentro da sala de aula.

Nº8 [Abreviações]:

Em 50 minutos se pode: assar um bolo, assistir o episódio de uma série, fazer uma sesta, ler meio capítulo de um livro denso, ler três ou quatro capítulos de um livro suave, ouvir o disco “Deus é mulher” da Elza Soares (sobra 6:59 pra rezar pras deusas pro disco cair nas referências obrigatórias do próximo vestibular da UFRGS pra legitimar que tu trabalhe o conteúdo em sala de aula sem crise), procrastinar a escrita do trabalho de conclusão do curso ou do relatório de estágio (ou ambos ao mesmo tempo) e dar um período de Sociologia. Em 50 minutos ou se abrevia muito o conteúdo ou “se amarra o tempo num poste”, ao modo manelês. Preencher um período de matéria é fácil, difícil é encher de vida. Ou se usa o tempo para fazer a chamada ou se usa para dar aula. A 109 precisava de um período só pra caber as risadas. Esses dias queriam responder a chamada com sons de animais. Não deixei. Me arrependi.

Nº9 [Escutar o silêncio]:

É contraditório para alguém que goste tanto de escutar o silêncio se afeiçoar justo pelas turmas mais barulhentas. A 109 me deixou sem voz no segundo período, no dia que eu esqueci de levar água para a sala. O professor tinha avisado: nunca esqueçam da água. Às vezes a gente nem dá bola, achando que é exagero. No primeiro período já estava com a boca seca. Mas sabia que não podia sair da sala e deixar os alunos sozinhos, é regra da escola. A gente sempre escuta relatos macabros de momentos assim. Esses dias o namorado da Isa queimou ela com cola quente e ela reagiu com um soco bem dado. Ficaram proibidos de ir na escola no contra turno. Fizeram as pazes. A gente não quer que aconteça essas coisas e apesar de saber que pode acontecer mesmo com a gente ali dentro não sai da sala por nada, fica com sede mesmo e até esquece quando a 109 entra. A Isa sempre vem me cumprimentar diretamente e perguntar como que eu tô. Não sei se ela é hiperativa ou se só é educada mesmo, ou é diferente, se preocupa com a gente, ou nem é isso não, mania dela. Mas eu gosto. Só que eles falam o tempo todo, na primeira roda de apresentação eu já me dei conta e falei:

- Gente vocês precisam de um período só pras risadas. Nada passa ileso, sempre tem alguma reação que termina em zueira. No intervalo eles te acham e vem te pedir desculpas porque são assim. Trinta e quatro adolescentes presos em uma sala de aula de 20 metros quadrados. Alta densidade demográfica. Muita energia acumulada e potência mal aproveitada *per capita*. Mas eles não são sempre assim, em dia de prova fazem silêncio. Se eu fosse titular ia fazer mais provas só para ficar escutando o silêncio que vem deles. Se eles reclamassem eu ia negociar que daria menos prova se eles fizessem menos barulho. É bom ser autoridade. O Ulisses, da 207, escreveu na minha ficha de avaliação que eu sou ótima, mas que tenho que falar “um tom acima”, respondi que eles devem falar um tom abaixo. Rimos. Duas meninas da 2M2 escreveram na minha avaliação: teu jeito calmo é cansativo. Quase chorei. Depois fui me dando conta que a gente não é professora pra agradar ninguém. Às vezes nosso papel é até desagradar mesmo, de propósito. A gente tá ai pra compor relações, e as relações são instáveis. Tem aluno que em algum momento tem que se sentir cansado mesmo, com sono porque não tem alguém gritando e perdendo a voz para tentar chamar um pouco de atenção. Tem momentos que eles só precisam ouvir que “tudo bem”, como quando a aluna passa mal de nervoso no dia da apresentação do juri ou a outra que simplesmente não teve cabeça para se dedicar ao trabalho porque seu irmão foi preso. E momentos que o aluno tem que ser gritado também, eu acho que tem, nunca fiz mas acho que tem. E é por isso que a gente acaba virando muitos, proliferando gentes dentro de si, como instinto de sobrevivência. Às vezes eu bem que ficava me imaginando batendo no quadro e dizendo: CHEGA!! Vou tentar um dia, deixa eu ter mais coragem. Tomara que funcione!

Nº10 [Papel da vítima]:

Fui daquelas adolescentes tímidas que odiava ser obrigada a se expressar oralmente, quando isso acontecia a resistência se instaurava no ato, num bloqueio imediato. Pensando nisso, e tentando não reproduzir esse tipo de violência, quando propus que as turmas realizassem um Juri Simulado (um exercício de simulação de um julgamento envolvendo conflitos sociais) para discutir casos de violação dos Direitos Humanos, criei o papel de

Escrivã/Escrivão pensando em contemplar essas personalidades mais introspectivas. Na verdade, foi pensando em duas alunas específicas que não quiseram se apresentar na roda inicial. Simplesmente ficaram nas margens, quando pedi se queriam se apresentar manifestaram que não balançando suas cabeças. Disse que nos conheceríamos aos poucos então. Uma delas tem um histórico de abuso sexual no seu meio familiar, não queria que a escola também fosse um ambiente hostil e violento pra ela. Inventei o papel de escritora pensando nela, pensando que ela tinha o direito de não querer se expor. Eis que a turma decide junta que vão representar o julgamento de uma mulher que realizou um aborto clandestino, teve complicações, foi parar na rede pública de saúde e foi denunciada por um médico. Quando pergunto quem quer representar o papel da vítima (que nesse caso era a ré, acusada de ter cometido um crime), a menina, para quem eu havia criado o papel de escritora levanta a mão. Sua amiga, que também não se apresentou na primeira aula se coloca: - Eu vou ser a testemunha de defesa. E a gente vai percebendo que o que a vida ensina foge do nosso controle.

Nº11 [Intervenção]:

Teve um episódio de um gafanhoto que invadiu a aula só pra assustar uma aluna. O colega tentando ajudar quase matou o bichinho. A menina protestava porque não queria ser atacada pelo inseto mas tampouco desejava sua morte cruel. Às vezes tu não tem tempo nem de reagir, fica parada contemplando como eles se entendem bem sozinhos: a menina, o menino e o gafanhoto. Às vezes não, a brincadeira parece tão séria no fundo da sala, tu fica confusa não sabe se é uma simulação de uma luta ou se estão de fato se batendo porque um escondeu o celular do outro e não quer devolver. Os alunos do 2º ano já estão com sua masculinidade hegemônica bem construída. Por isso gostei de discutir gênero já no 1º ano, quanto mais cedo melhor. As vezes é tão cedo que os papéis de gênero nem foram totalmente internalizados e daí fica bem mais fácil de desconstruir, porque tem só um pouquinho daquela "ideologia de gênero" (fala assim neh?) patriarcal e machista introjetada. Daí no 2º ano a coisa parece que fica mais séria, eles já resolvem os conflitos bancando o *machinho*, tu olha praquela cena, se levanta já disposta a fazer uma intervenção e

aquela aluna que trouxe a referência das pessoas trans a partir do rap de Triz para compor o fanzine da turma se manifesta com tom de indignação e certa repulsa: - Eles tão brincando sora, é todo dia a mesma coisa. Também tem o dia que o aluno entra antes na sala e amarra as mochilas de alguns colegas em suas cadeiras, pra que eles não consigam soltar o material quando o sinal tocar (me arrependo de não ter tido essa ideia durante o ensino médio). O aluno está testando teu nível de cumplicidade. Eu fico com essa impressão. Eu finjo que não vejo. Eu não sei se tá errado amarrar as mochilas da galera do fundão nas cadeiras. Eu acho que não está errado fingir que não vê às vezes. Não dá pra se meter em tudo. Eu não tenho certeza de que tenho que repreender um aluno por isso, se eu tivesse certeza eu até repreenderia, esse aluno Vitor era muito brincalhão e todo mundo tirava onda dele, eu cheguei no fim do ano, não sei exatamente onde isso começou. Não sei se isso gera consequências mais graves depois, eu tendo a achar que gera boas risadas. Creio que com mais experiência e com um vínculo mais forte com as turmas eu saberei distinguir com mais precisão o que é brincadeira e o que é opressão. Por enquanto, deixei passar.

Nº12 [Cagete]:

A professora titular me deixou a missão de falar sobre o Estado na perspectiva de alguns autores. Um deles era Foucault e não tem como falar dele sem denunciar os mecanismos de controle e repressão presentes inclusive na escola. Daí a coisa começa a ficar perigosa pra uma estagiária porque não tem como explicar o Panóptico sem *caguetar* a monitora que fica numa salinha de vidro no fundo do corredor, literalmente vidrada em tudo que acontece entre as inúmeras portas das salas de aula. Mas a gente não é totalmente hipócrita e denuncia a gente mesmo e os alunos ficam todos sabendo do nosso lugar de poder. Ainda mais eu que sou alta e fico bem mais confortável para dar aula sentada em cima da mesa do professor, dali vejo tudo e ainda pareço à vontade. A monitora seguidamente interrompia a minha aula, nem lembro para que especificamente. Chamar algum aluno, dar algum recado, entregar algum informe, às vezes tinha a impressão de que era para ver se as coisas corriam bem, num instinto quase “maternal” de cuidado excessivo ou daquela desconfiança de que as coisas estariam

péssimas e eu precisando de sua interferência. Por sorte, na maioria das interrupções estava eu, sentada sobre a classe, a ler poemas do fanzine que criamos juntos e os alunos todos em silêncio escutando, mesmo na 2M3 onde silêncio era o que menos se ouvia. Eu respirava aliviada porque sabia que bastava ela fechar a porta e tudo podia acontecer. Por isso o professor de sociologia acaba fazendo um papel de transgressor e por isso a Sociologia no ensino médio é perigosa. No laboratório de informática um aluno que tinha um tom bastante agressivo comigo me questiona porque querem tirar a Sociologia do ensino médio. Eu respondo que porque é perigoso que as pessoas se questionem. Ele finalmente para de escolher tênis no netshoes pra ajudar seu grupo que está encarregado de pesquisar sobre o Durkheim.

Nº13 [Delação premiada]:

Tem uma bancada de livros didáticos na sala temática de sociologia. Tem muita informação ali, tem muito conhecimento, dá sim pra usar como recurso, mas quem faz a ponte com a vida é o professor. O livro não é didático, é tarefa nossa torná-lo. O livro só é didático quando o conhecimento se dobra e desdobra ao fluxo do acontecimento. Raul Seixas dizia que eles servem só pra quem não sabe ler. O Subcomandante Marcos os considera úteis para calçar mesa e ascender fogo (engraçado, que li isso num livro). Porque tem livro que faz a gente voar. E tem livro que, se escrito, pode dar até prisão. A Ana não usa o livro didático quase nunca, pede que os alunos nem carreguem seu peso nas costas. A bancada de livros e sua insustentável leveza está ali, a disposição para quando tiverem que fazer algum trabalho. A Ana privilegia outras didáticas. Ela inventa o tempo todo. Ela dá um percentual da nota para caderno colorido, caracterização em dia de apresentação de trabalho. Enche tua vida de sentido e teu coração de alegria ver um eleitor em potencial de um candidato ultraconservador a presidente vestido de Malala. No 3º ano, quando fala sobre o Estado e Democracia todos compõem seu próprio material didático, uma pasta com todos os conteúdos trabalhados durante o ano. Metade da nota é pela criatividade da capa, onde eles podem expressar livremente suas ideologias. Capa com glitter vale mais, brinca ela. Todos riem. Só tem uma coisa: o prazo. Quem

não entregar na data estipulada ganha o direito de entregar a pasta fora do prazo se delatar um colega que também não entregou. Se não houver nenhum delator todos que não entregaram ainda podem entregar fora do prazo. Eles aprendem um pouco sobre como funciona os esquemas de corrupção, ela conhece a turma.

Nº14 [Tabu] :

Bem difícil não confundir com amor a exploração desse trabalho não pago quando dois dos alunos, aqueles cujos olhinhos brilhavam de curiosidade desde a primeira aula naquela turma barulhenta, pedem para ficar na sala durante o intervalo, no teu último dia de aula da tua primeira experiência de estágio e que, não por acaso, é também o dia do teu aniversário: - Sora, tu vai ficar na sala? - Sim. - Posso ficar também? tenho que terminar uma atividade de artes. - Claro. - Eu também vou ficar. Avisa o colega que logo acrescenta: - Sora posso ler uma poesia? Eu terminei ela ontem, li e reli umas quatro/cinco vezes, quase não dormi essa noite. - Pode sim, claro, estou curiosa para ouvir. O aluno lê, uma poesia linda, cheia de paixão, uma declaração para alguém, alguém que fez esse coração jovem bater bem forte, alguém que o tocou e encheu essa vida de sentido, alguém que ele convida para desfrutar o amor. Quando o poeta terminou eu estava sem fôlego. Aplaudimos, eu e a outra colega, eu disfarcei muito o quanto aquilo tudo tinha mexido comigo. Uma mescla de sensações que vão desde amor mais inocente até sentimentos bem mais tabus. A poesia era linda e mais linda a entrega daquele adolescente diante da possibilidade de uma paixão, quem sabe até amor. Elogiei e instiguei: - Tu tem que ir no *Slam* Chamego, tu vai fazer sucesso! Era o que eu conseguia dizer no momento. A outra aluna me entrega um presente: um dadinho de papel que estavam fazendo para a aula de artes, cheia de mensagens bonitas e felicitações pelo aniversário. Depois ganhei dois abraços cheios de carinho pela data e pela despedida. Se eu pudesse pagar minhas contas com abraço, nem pensaria em entrar em greve.

Nº15 [Pedagogia do erro]:

A Ana Clara, filha de uma amiga, é a menina de 11 anos para quem eu tento ensinar matemática e português. Português é mais fácil, a menina adora, mas matemática é um desafio. Ela não gosta e eu não to sabendo ensinar ela a gostar, tenho até desgostado um pouco. Estou seriamente desconfiada de que o problema não seja a menina e sim a forma de ensinar o conteúdo, com a qual não estou conseguindo romper. Tenho dificuldade em propor outras formas de aprender. A gente negocia bastante, ela resiste. Eu tento ganhar ela aos poucos. Ela é bem espontânea e divertida, mas é só eu falar em matemática que ela fecha a cara. Em português vamos indo bem, lemos muito juntas e das leituras saem palavras que não sabemos o significado e tratamos de buscar. Seguido a gente esquece que tá aprendendo. Esses dias copiamos no quadro (que é o vidro da janela do quarto da menina) um parágrafo bem extenso de um livro, só para analisar como foi feita a pontuação do período. Ia copiando em azul e fazendo a pontuação em vermelho, distraidamente. Ana sinaliza: - Esse ponto tá errado, é em vermelho. - Tem razão respondo. Eu ando com um ranço com a razão que tenho entregado ela de bandeja, na primeira oportunidade. Apago o ponto e troco a cor. Ela emenda: - A minha professora quando erra alguma coisa culpa a gente. Diz que se desconcentrou porque estávamos conversando. Esses dias nossas aulas não estavam fluindo. Falta de tempo para planejar, dias chuvosos, muitas outras coisas na cabeça, baixou a motivação. Eu me vi responsabilizando a Ana sobre isso. A gente realmente falha. E tem dificuldade de lidar com o erro.

Nº16 [Pilha de livros e de nervos]:

Mantenho quase sempre uma biblioteca só de livros emprestados. Eu juro que devolvo, só que eu demoro um pouco às vezes. A Ana, minha aluninha de 11 anos, tem muitos livros e a gente gosta de brincar que ela é bibliotecária e eu retiro livros da sua estante. Tem prazo de devolução e tudo. Esses dias eu retirei "Extraordinário", que conta a história da adaptação na escola de um menino de 10 anos que tem uma anomalia craniofacial, não sei se é exatamente

esse o termo técnico. Ficou um tempo rodando na minha pilha de livros emprestados até que a bibliotecária me pressionou com a leitura: - Mariana (assim ela me chama quando invertemos o papel de autoridade; brincamos bastante com isso), tu já terminou o livro? - Não, to no comecinho ainda, vou ter que renovar. - Que feio. Sim, a menina devoraria essas 316 páginas em três ou quatro dias e eu estava na página 24 depois de uma semana com o livro. Eu acho que com 11 anos só lia Gibi e olhe lá. Justifiquei que eu tinha outras coisas pra ler. Esses dias retirei na biblioteca da Faced um livro sobre Gabriel Tarde, indicação do meu orientador. Faz três dias que estou brincando com o sobrenome do sociólogo: - hoje vou passar a Tarde com o Gabriel. Mas ainda não abri o livro. Só para postergar essa leitura engreno no "Extraordinário" e fiquei algumas madrugadas, até bem Tarde me emocionando com as histórias do Auggie. Terminei o livro, mas minha bibliotecária está de férias agora. Também fui viajar, não sei onde coloquei o livro sobre o Gabriel Tarde, comprei outro, encontrei o da biblioteca. Mas queria falar sobre outro menino, que também é Gabriel, ele é aluno de inclusão, não lembro exatamente o laudo. Ele é bem calado e tem um semblante quase inexpressivo, "quase" porque dá pra ver que ele esconde ali atrás, dessa aparente indiferença em relação ao mundo, muitos sentimentos. Um dia, eu tentando fazer a inclusiva e explicando para todos como funcionaria o exercício do Juri Simulado, os papéis, em especial o papel de escrivão/escrivã que eu fiquei com orgulho de ter criado para não obrigá-los a se exporem eu pergunto: - Todo mundo entendeu? Alguém tem alguma dúvida? Por um momento houve silêncio e logo um aluno levanta a mão para dizer: - Professora, o Gabriel não entendeu. Vou até ele para orientá-lo individualmente, com atenção e carinho. Fiquei feliz pelo gesto do colega, se não fosse ele eu não conseguiria incluir o Gabriel na atividade. A gente acaba não conseguindo dar conta dos desafios da inclusão sozinhos, socializar de forma inclusiva é a melhor estratégia para uma inclusão efetiva. Essa turma era majoritariamente de inclusão, um experimento de pessoas sensíveis da coordenação pedagógica da escola que inventaram uma forma nova de incluir: reuniram na mesma turma todos alunos que demandam algum tipo de pedagogia inclusiva, sejam eles laudados, não diagnosticados ou que necessitem uma atenção especial pelo histórico familiar. Resultado: constituíram

uma família onde buscam o apoio um no outro. A Julia, uma aluna muito participativa e falante, o oposto do Gabriel, procurou a coordenação porque estava preocupada porque ele, que senta ao seu lado no espelho de classe, fazia dias que não aparecia na aula. No dia da avaliação final, o Gabriel finalmente conseguiu se dirigir até mim para tirar uma dúvida na prova, ele estava uma pilha de nervos, embora sua expressão fosse a de costume, eu sei como é estar assim. A gente disfarça, mas tem muito medo da reprovação e o sistema de avaliação escolar não ajuda. A gente tem medo do erro, pavor da imperfeição, fobia da incompletude. O Gabriel tirou notas boas. Fiquei feliz.

[PAUSA]

UMA DIDÁTICA DA INVENÇÃO – Manoel de Barros

I

Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:

- a) Que o esplendor da manhã não se abre com faca
 - b) O modo como as violetas preparam o dia para morrer
 - c) Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas têm devoção por túmulos
 - d) Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote tem salvação
 - e) Que um rio que flui entre dois jacintos carrega mais ternura que um rio que flui entre dois lagartos
 - f) Como pegar na voz de um peixe
 - g) Qual o lado da noite que umedece primeiro.
- etc.
etc.
etc.

Desaprender 8 horas por dia ensina os princípios.

II

Desinventar objetos. O pente, por exemplo.
Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha.
Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma.

III

Repetir repetir – até ficar diferente.
Repetir é um dom do estilo.

IV

No Tratado das Grandezas do Ínfimo estava escrito:
Poesia é quando a tarde está competente para dalias.
É quando
Ao lado de um pardal o dia dorme antes.
Quando o homem faz sua primeira lagartixa.
É quando um trevo assume a noite
E um sapo engole as auroras.

V

Formigas carregadeiras entram em casa de bunda.

I

Para apalpar as intimidades da sociedade é preciso saber:

- a) Que escola é lugar, inclusive, de coração partido.
 - b) O modo como os professores preparam a aula para sobreviver
 - c) Por que é que o discurso da neutralidade têm devoção por bocas que são verdadeiros túmulos
 - d) Se a bailarina da caixinha de música não gostaria de sair na rua, à noite, sozinha para dançar cumbia
 - e) Que um rio que flui entre suas margens carrega mais ternura que um rio cortado por duas barragens
 - f) Como é a vista do topo da cadeia alimentar
 - g) Qual alça da bolsa de valores arrebenta primeiro
- etc.
etc.
etc.

Desaprender 8 horas por dia ensina os princípios.

II

Desinventar relações. A Sociologia, por exemplo.
Dar a Sociologia funções de não representar. Até que ela fique a disposição de ser um andarilho. Ou a lente de um microscópio.
Usar alguns conceitos que ainda não tem definição.

III

Repetir repetir – até militar diferente.
Repetir é um dom do grevista.

IV

No Tratado das Grandezas do Ínfimo estava escrito:
Educação é quando a tarde está competente para poesia
É quando
Ao lado de uma sereia o dia canta vitória
Quando um unicórnio flamejante faz seu primeiro coquetel molotov
É quando os sindicatos da gincana assumem a greve
E um dragão cospe fogo no currículo.

V

Um gafanhoto suicida invade a sala de um templo positivista.

VI

As coisas que não têm nome são mais pronunciadas por crianças.

VII

No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos – O verbo tem que pegar delírio.

VIII

Um girassol se apropriou de Deus: foi em Van Gogh.

IX

Para entrar em estado de árvore é preciso partir de um torpor animal de lagarto às 3 horas da tarde, no mês de agosto.
Em 2 anos a inércia e o mato vão crescer em nossa boca.
Sofreremos alguma decomposição lírica até o mato sair na voz.
Hoje eu desenho o cheiro das árvores.

X

Não tem altura o silêncio das pedras.

VI

As redações que não tem nome são as mais corrigidas pelos professores.

VII

No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde o estudante sugere: vamos responder a chamada com sons de animais.
O estudante não sabe que o verbo controlar frequência não funciona para som, mas para punição.
Então se o estudante muda a função de uma ação, ela delira.
E pois.
Em educação que é voz de poeta, que é a voz de narrar acontecimentos – O verbo tem que pegar delírio.

VIII

Uma mariposa se apropriou de Deus: foi em câmera lenta.

IX

Para entrar em estágio docente é preciso partir de um torpor metade humano metade máquina às 5:50 da manhã, todas as quartas.
Em 2 meses o movimento e o mar vão rebentar em nossa boca.
Sofreremos alguma decomposição lírica até uma onda sair na voz.
Hoje eu escrevo as cores de cada grão de areia.

X

Não tem mais pilha o remoto controle da técnica

III - DESCOMEÇO

Na busca de uma escola para fazer o estágio passei pelo Colégio Estadual Paula Soares e Escola Técnica Estadual Senador Ernesto Dornelles até chegar à Escola Estadual Técnica Parobé, onde realizei meu primeiro estágio entre outubro e dezembro de 2017 e à Escola Estadual de Ensino Médio Presidente Kennedy (Cachoeirinha-RS), onde realizei a segunda experiência no período de abril a junho de 2018.

O contexto político desse período refletiam acontecimentos de anos anteriores: março de 2013 e o bloco de lutas contra o aumento das passagens que culminou em mobilizações nacionais massivas naquele Junho; 2014, não lembro; 2015 e as ocupações das escolas em São Paulo; 2016 e as ocupações dos secundaristas em Porto Alegre e em mais de 150 escolas no Rio Grande do Sul, Ocupações nas universidades, greves dos professores estaduais, a educação pública e os sucessivos golpes; 2017 e mobilizações nacionais de diversas categorias contra a Reforma Trabalhista e Reforma da Previdência, greve dos professores em março, greve dos professores em setembro. “O ano que não terminou” desde 2013.

Esse contexto de mobilizações me levaram a acompanhar a atividade docente para além da sala de aula. Participei de atos e manifestações relativos à greve da categoria². Marchei junto com os Professores numa assembleia onde votaram a permanência da greve mesmo depois de todas as tentativas de enfraquecimento e desmobilização da classe. Nas ruas se pôde sentir a força que têm os professores unidos, o apoio vindo de crianças e idosos que das sacadas dos prédios acenavam para os professores com esperança no olhar e punhos cerrados. O recado de que tinham apoio da população. Desse ponto do caminho não se podia recuar: segue a greve por tempo indeterminado!

Justamente nesse ponto eu cheguei na primeira encruzilhada que me levou a deixar a marcha e adotar uma postura pragmática. Sem

² A greve de professores e funcionários das escolas estaduais iniciou em 05 de setembro de 2017. A mobilização se articula em uma pauta mais ampla mas o 21º parcelamento do salário pago em final de agosto, no valor de R\$350, foi o principal estopim para articular a indignação da categoria. Em 10 de novembro se realiza uma Assembleia Geral onde se vota pela manutenção da greve por tempo indeterminado. O parcelamento corria por 23 meses consecutivos, sendo o 13º salário pago em 12 parcelas e em três anos não houve nenhuma reposição salarial. Fonte: CPERS/Sindicato - <http://cpers.com.br/>

justificações e assumindo totalmente a responsabilidade política de recuar³. Me retirei da linha de frente e pisei pela primeira vez na sala de aula enquanto docente, reconheci ali, no mesmo instante, um espaço de luta.

Se a Educação Pública em geral vai mal, a Sociologia ocupa um lugar ainda mais desprestigiado e precário. Na maioria das escolas a disciplina conta com apenas um período. Isso significa que para completar a carga horária os professores necessitam assumir muitas turmas, em consequência, o número de alunos aumenta exponencialmente, fragilizando o vínculo e distanciando as relações entre professor-aluno.

Além disso, me defrontei com uma crise de legitimidade do ensino da Sociologia presente no discurso dos pares, professores e colegas em formação; na instituição escolar, onde vi essa crise ferindo a autonomia dos professores; na articulação de setores reacionários em torno do projeto “Escola sem partido” que visa cercear a politização da educação (nominando tudo o que é relativo à política de forma restritiva como “partidária”, exceto seu posicionamento supostamente neutro). Esse projeto é uma reação direta aos componentes das Ciências Humanas. Ele repercute em consequências mais graves como uma ameaça de retirada da Sociologia do currículo.

A sociologia no ensino médio é perigosa. A escola enquanto instituição de socialização secundária entra em choque com a socialização primária que acontece no âmbito familiar. Tal deslegitimação decorre muito mais do potencial transgressor que a disciplina representa para o *status quo* do que por sua falta de rigor científico.

³ Parece dramático e parece não fazer diferença assumir o estágio e entrar na sala de aula nesse contexto. Mas sim, implica em uma consequência política. A precarização do ensino, a sobrecarga de turmas, alunos e trabalho não pago disfarçado de amor imobilizam alguns professores e mobilizam outros. Em quase todos os estágios que pude acompanhar, os colegas assumiram quase que integralmente as turmas, muitos, como no meu caso, assumiram até mesmo a avaliação dos alunos, mesmo sendo esta nossa primeira prática docente. De fato, isso é dramático na medida em que essa precarização afeta a qualidade do ensino e nossa saúde. Atuar nesses contextos além de uma postura pragmática que pode ser até mesmo individualista (querer terminar o curso e se formar) ou com uma justificativa imediatista, pensando nos estudantes que não poderiam perder o ano letivo, prejudicamos todo o curso da educação no estado, que necessita de mudanças e rupturas radicais. Enfim, uma reflexão da nossa crise de posicionalidades entre perspectivas críticas e pragmáticas enquanto educadores e militantes não cabe em uma nota de rodapé, mas não podia passar sem ser ao menos apontada.

A ciência é desqualificada por esses setores pois representa uma ameaça. Os estudantes se confrontam com sua socialização primária, que se dá no âmbito familiar e a própria instituição escolar é questionada dentro do espaço da Sociologia, alterando significativamente o direcionamento e as perspectivas da socialização secundária dos estudantes que se passa na escola.

A escola era o lugar do êxtase - do prazer e do perigo. Ser transformada por novas ideias era puro prazer. Mas aprender ideias que contrariavam os valores e crenças aprendidos em casa era correr um risco, entrar na zona de perigo. (HOOKS, 2013, p. 11).

Obviamente que a socialização dos estudantes hoje tem outros mediadores, para além da família e da escola: as redes sociais têm se constituído como um instrumento de peso muito importante. A escola precisa dialogar com essa nova tecnologia e com as modificações que ela cria no cotidiano escolar e social.

Assim, a Sociologia acaba sendo o espaço de desnaturalizar o processo de socialização, o que gera impactos na escola e no ambiente familiar. Daí decorre, na minha perspectiva, sua crise de legitimidade.

No entanto, “uma crise só se torna um desastre quando respondemos a ela com juízos pré-formados, isto é, com preconceitos” (ARENDETT, 2011). Assim, esse momento crucial e potente, exige que saíamos desse brete com novas estratégias de combate.

Tarde, a nosso ver, representou, e ainda representa, a possibilidade de um pensamento outro sobre a vida, sobre as sociedades e subjetividades. Ele soube como poucos construir a devida distância em relação aos axiomas um tanto quanto obtusos do saber positivista. (THEMUDO, 2002, p. 109).

Reconectar política e epistemologia. Porque não existe nem ciência e nem educação sem poder. Trata-se de uma ingenuidade epistêmica a tentativa de neutralizar a dimensão política do conflito que desestabiliza a Sociologia. Ao contrário, as posições epistemológicas assumidas (mesmo que provisoriamente) são iminentemente políticas. Se as zonas de conforto epistemológico são sempre provisórias, não há porque alicerçá-las em cânones

fixos e estáticos do século passado. Dar vida a Sociologia é um ato político e uma urgência epistemológica.

Algumas vezes, a desqualificação da sociologia apareceu nos discursos dos próprios alunos, narrados por colegas, que consideram que a Sociologia é um mero bate-papo onde expressamos nossas opiniões, e que não se aprende nada depois de três anos de estudo da disciplina. Dessa confusão, se pode resgatar uma concepção de Educação, que chamarei de Educação Menor, apoiada na microsociologia tardiana, que retomarei na sequência.

Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo

A perspectiva sociológica tardiana transposta para pensar a Educação me remeteu à poesia de Manoel de Barros. Desse encontro emerge uma concepção de Educação Menor, deixando a crise de legitimidade da Sociologia no plano de fundo e em primeiro plano a experiência do cotidiano escolar que emerge do encontro de subjetividades em sobreposição, agenciadas e relacionadas.

Os microacontecimentos narrados trataram de “amarrar o tempo num poste” para conseguir resgatar os processos e fluxos das infinitesimais engrenagens que constituem e alteram o social a partir de imitações, oposições e adaptações intersubjetivas. Os folhetins se constituíram assim, como um exercício de expor uma construção subjetiva que inventa o real, tentando resgatar o fluxo que o compõe. Um real efêmero, já que os textos foram alterados até o último instante. Cada nova leitura trazia novas conexões com o real e um desejo de (re)inventá-lo.

Não sei se é possível ampliar e multiplicar esses momentos, na maioria das vezes eles acontecem de forma imponderável, quando largamos o controle de tudo ou quando estamos absolutamente obcecados pelo controle que obviamente algo de inusitado acontece. Aliás, arrisco dizer que a Educação acontece quando esquecemos que estamos ensinando e não nos damos conta que estamos aprendendo. E para chegar nesses momentos é preciso abandonar a busca incessante por conhecimento, só é preciso um gesto, uma disposição à pausa, à interrupção:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é

quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LAROSSA, p. 24).

Por mais insignificantes que possam parecer, são os microacontecimentos do cotidiano que nos (des)(re)territorializam sobre novas bases, incessantemente. Uma Educação Menor remete a esse fluxo de impermanências, onde se pode fazer proliferar a Diferença:

Existe a *différance* desde que exista traço vivo, uma relação vida/morte ou presença/ausência. [...] Há portanto aí claramente uma potência de universalização. Depois, a *différance* não é distinção, uma essência ou uma oposição, mas um movimento de espaçamento, um 'devir-espaço' do tempo. Um 'devir-tempo' do espaço, uma referência à alteridade, a uma heterogeneidade que não é primordialmente oposicional. [...] a *différance* não é uma oposição, tampouco uma oposição dialética: é uma reafirmação do mesmo, uma economia do mesmo em sua relação com o outro, sem que seja necessário, para que ela exista, congelá-la, ou fixá-la numa distinção ou num sistema de oposições duais. (DERRIDA, 2004, p.33-34)

Assim, gostaria de destacar aqui a potência das práticas experimentais que desterritorializam modelos pedagógicos estabelecidos, produzir/ inventar mediações pedagógicas outras para dar conta dessa tradução do conhecimento sociológico sem negligenciar seu caráter científico, pelo contrário, resgatando epistemologias não hegemônicas para qualificar o próprio campo sociológico. Romper essa aparente dicotomia entre ciência X experimentação/arte-educação. Ciência se faz com afeto, desprendendo-se da racionalidade técnico-científica moderna e atravessando corpos.

A desterritorialização de práticas pedagógicas implica certa abertura para o novo, certo frio na barriga e certa disponibilidade ao fracasso, porque às vezes funciona, às vezes não, mas mesmo não funcionando do jeito que planejamos (porque sempre foge ao nosso controle) desterritorializa nossa maneira de pensar, produzir e construir coletivamente o conhecimento, buscando novas formas de enfrentamento e luta curricular para legitimar a Sociologia enquanto ciência como consequência do seu

potencial transdisciplinar e transgressor e não mais demarcando certa assepsia e distanciamento das demais disciplinas.

Dar vida a Sociologia [o que implica reconhecer que trata-se de uma ciência (como qualquer outra) passível de morte] contra uma racionalidade asséptica que neutraliza, estabiliza, ordena, fixa e normatiza o que é fluxo, processo, movimento. A Educação e a construção do conhecimento sociológico remetem à essa instabilidade das subjetividades em relação. A invenção parte da imitação, do contágio e portanto, muito mais de uma promiscuidade das relações e subjetividades do que uma possível classificação, categorização e representação.

Sem negligenciar o poder, já que cada relação é permeada por ele. O poder estaria difuso e permeado nesse jogo micropolítico, na contenção dos fluxos, na retirada do afeto, na autonomização da educação. Assim, a invenção se constitui como um recurso didático e estratégia de combate para fazer proliferar a diferença e dar vida à Sociologia no Ensino Médio.

(DES) (RE) CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retrato do intelectual quando professor

A maior riqueza
Da teoria
é sua incompletude.
Não aguento ser apenas
um sujeito que descreve
objetos, que articula conceitos, que olha o
relógio, que tem dois empregos para comprar pão
às 6 da tarde, que vai
lá fora, que escreve no quadro,
que faz a chamada,
que finge que não vê a uva etc. etc.
Perdoai. Mas eu
preciso ser Outros.
Eu penso
renovar a Educação
despindo a ciência de seu manto de neutralidade e
vestindo a razão com uma fantasia com rasgo na bunda
para deixá-la mais poética
[Pastiche de "Retrato do artista quando coisa", de Manoel de Barros]

Assim como não controlamos de maneira total e absoluta o aprendizado dos estudantes, tampouco controlamos a interpretação daquilo que é escrito. Todo o meu esforço de escrita buscou minimizar a fixidez do pensamento, e quanto a isso, estou certa de que falhei consideravelmente.

Os microacontecimentos narrados estão permeados de reflexões inconclusivas sobre a prática docente. Creio que podem abrir muitas interrogações para perspectivarmos juntos sobre Sociologia e Educação.

Do brete vivenciado em relação à crise de legitimidade da Sociologia busquei encontrar, criar, imitar, inventar novas formas de enfrentamento e luta que resgatassem o fluxo, o movimento das relações e a instabilidade da vida.

Presenciei um encontro fictício entre Manoel de Barros e Gabriel Tarde, ambos direcionaram meu olhar para as coisas pequenas, produzindo deslocamentos epistemológicos na minha forma de conceber a Sociologia e deslocamentos estéticos na minha forma de existir no mundo.

Busquei assim, me conectar com a potência dessa crise de legitimidade inventando outras formas de aprender e de ensinar, atenta às miudezas, ao menor, ao infinitesimal.

A crise de legitimidade como efeito de uma crise política-epistemológica da Sociologia ficou no plano de fundo da experiência para dar lugar à uma prática docente povoada por múltiplas subjetividades em relações infinitesimais.

Me questionei novamente sobre a dimensão de poder a partir dessa perspectiva tardiana. Me perguntei se olhar para o micro negligenciava os mecanismos de poder que estruturam o social e reverberam formas de pensamento restritivas e limitantes. É um risco.

Minha aposta é de que aumentar o grau da lente da Sociologia permite justamente enxergar o fluxo, o movimento e como as relações se configuram, e que fica mais fácil reconhecer o poder em operação nesse jogo micropolítico.

Perspectivei a invenção enquanto estratégia de luta curricular para fazer proliferar a Diferença, combater uma Sociologia estéril e preencher de vida a Educação. Ciência se faz com afeto, Educação também.

Referências bibliográficas:

ARENDDT, Hannah. A crise na educação. In: ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

AQUINO, Julio Groppa. Da autoridade pedagógica à amizade intelectual: uma plataforma para o *éthos* docente. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Nº19 Jan/Fev/Mar/Abr 2002.

CORAZZA, Sandra M. Temas Culturais: um modo de luta curricular. 7º Seminário Municipal/ 4º Seminário Regional de Educação de Panambi - RS. Em 03/08/1998. Panambi: 1998.

CORAZZA, Sandra M. Nos tempos da educação: cenas de uma vida de professora. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 12, 7-10, março de 2005.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elizabeth. Políticas da Diferença. In: De que amanhã...Diálogo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LAMELA ADÓ, Máximo Daniel. Educação potencial: autocomédia do intelecto. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

PRADO, Gregório Antonio Fominski do. Quando o Ensino desafia a Ciência: algumas questões presentes nos processos de ensino-aprendizagem da Sociologia. Porto Alegre: CirKula, 2015.

SILVA, Tomaz T. da. Identidade e diferença: impertinências. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, nº79, Agosto/2002.

THEMUDO, Tiago Seixas. **Gabriel Tarde: sociologia e subjetividade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

VARGAS, Eduardo V. "A microssociologia de Gabriel Tarde". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 27, 1995.

Referências outras:

A LÍNGUA das mariposas. Direção de José Luis Cuerda. Espanha, 1999. (96 min.), color. Legendado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-FWpsPiXuTI>>. Acesso em: 13. jun. 2018. [Microacontecimento Nº1].

AMOR-CORAGEM. Poesia. Pedro Bomba (autor) . Aracajú, 2015. (2 min. aprox.), Poesia, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XT_WMQszelg>. Acesso em: 04 jul. 2018. [Microacontecimento Nº1].

ANÔNIMO. **Manifesto contra o amor neoliberal**. Disponível em: <<https://anarcopunk.org/v1/2018/03/manifesto-contra-o-amor-neoliberal/>>. Acesso em: 02 jul. 2018. [Parte I - Delírios do verbo ensinar].

BURGESS, Anthony. **Laranja Mecânica**. São Paulo: Aleph, 2004. 200 p. Tradução de: Fábio Fernandes. [Microacontecimento N°1].

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. (Vol. 2). Tradução de: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. [Microacontecimento N°3].

DEUS é mulher (Disco). Produção de Guilherme Kastrup. Intérpretes: **Elza Soares**. São Paulo e Rio de Janeiro: Red Bull (SP) e Tambor (RJ), 2018. (43:01 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kw9ke8zt7XA&start_radio=1&list=RDKw9ke8zt7XA>. Acesso em: 20 maio 2018. [Microacontecimento N°8].

ELEVAÇÃO Mental. Direção de Cesar Gananian. Produção de Janaína Freitas e Camila Picolo. Intérpretes: **Triz Rutzats**. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=npGrq2lFmls>>. Acesso em: 02 jul. 2018. [Microacontecimento N°11].

FREIRE, Roberto. Ame e dê vexame. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990. [Microacontecimento N°7].

IMPRESA MARGINAL (ORG.). Somaterapia e o anarquismo somático: textos reunidos de João da Mata. São Paulo: Imprensa Marginal, 2015. [Microacontecimento N°7].

ITARARÉ, Barão de. **“Pelos cálculos dos técnicos, o besouro não pode voar.”**. (frase). Disponível em: <<https://rceliamentonca.com/2006/04/08/maximas-e-minimas-do-barao-de-itarare/>>. Acesso em: 15 maio 2018. [Frase citada indiretamente - Microacontecimento N°1]

KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 314 p. Tradução de: Tereza B. Carvalho da Fonseca. [Microacontecimento N°13].

LISPECTOR, Clarice. Para não esquecer. São Paulo: Círculo do Livro, 1980. [Menção ao poema “As negociatas” - Microacontecimento N°1]

LOWEN, Alexander. **Medo da Vida**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

NO yankee. Intérpretes: Brô Mcs + Fase Terminal. Dourados: Produção Independente, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UViv0FQJrgo>>. Acesso em: 04 jul. 2018. [Rap Guarani-Kaiowá - Microacontecimento N°6]

PALACIO, R. J.. **Extraordinário**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013. 320 p. Tradução de: Rachel Agavino. [Microacontecimento N°16].

RESISTÊNCIA Guarani SP - Por que ocupamos o Pátio do Colégio?. São Paulo (Terras Indígenas Jaraguá e Tenondé Porã): Comissão Yvy

Rupã, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ShzMhVgna-g>>. Acesso em: 15 abr. 2018. [Microacontecimento N°6]

SÓ Dez por Cento é Mentira - A desbiografia oficial de Manoel de Barros. Direção de Pedro Cezar. Rio de Janeiro: Artezanato Eletrônico, 2009. (81 min. aprox.), Documentário, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VG4P_mWWAI0>. Acesso em: 12 jun. 2018.

Tô feliz (Matei o Presidente) 2. Direção de Ph Stelzer (diretor). Gabriel O Pensador (letra, intérprete e Co-direção). Rio de Janeiro: Ganja Filmes (independente), 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cBiKePi3QMY>>. Acesso em: 25 maio 2018. [Microacontecimento N°1].